

Veredas de Rosa. Seminário Internacional Guimarães Rosa. 1998-2000. Belo Horizonte: PUC Minas, 2000. 765 p.

Veredas de Rosa é um livro que pára em pé, nos dois sentidos da expressão. Em suas 765 páginas, foram reunidos mais de 140 textos apresentados no I Seminário Internacional Guimarães Rosa, realizado pela PUC de Minas Gerais em agosto de 1998. O evento reuniu aproximadamente 700 participantes de 10 países, dos quais cerca de 250 apresentaram comunicações. Familiares do escritor homenageado estiveram presentes, e aconteceram também apresentações de grupos teatrais, contadores de histórias e músicos.

Não são incomuns os livros volumosos nesse gênero. Por outro lado, na comparação com anais de outros congressos, *Veredas de Rosa* destaca-se, em primeiro lugar, por ser uma publicação monotemática. Nos congressos das áreas de ciências humanas, quase sempre o autor ou tema homenageado divide o centro das atenções com variados objetos de estudo, o que termina afastando a possibilidade de uma efetiva concentração de especialistas. Parte dos méritos do I Seminário Guimarães Rosa deveu-se à transformação do campus da PUC Minas, por uma semana, em umbigo do mundo rosiano, sertão povoado por palavras e gentes diversas, às vezes conflitantes.

Lélia Parreira Duarte, presidente da comissão organizadora do evento e responsável pela edição do volume, destaca em texto introdutório os preparativos para o II Seminário, a realizar-se em agosto de 2001. Segue um segundo texto de apresentação (“O Seminário visto por uma participante portuguesa”), escrito no calor da hora por Maria de Santa Cruz, da Universidade de Lisboa, dando conta de sua agradável surpresa quanto à dimensão atingida pelo evento.

Vale informar que os textos dos conferencistas convidados encontram-se publicados no terceiro número de revista editada pela mesma universidade (*Scripta*, v. 2, n. 3 - 2.sem. 1998 . Belo Horizonte: PUC Minas. 272 p.). Consideradas em conjunto, as duas obras são importante acréscimo à fortuna crítica de Guimarães Rosa, e refletem a pluralidade de entradas teóricas a que vem sendo submetida sua obra no Brasil e no exterior.

Veredas de Rosa permite revisitar, por exemplo, a dicotomia “regional x universal”. Há quem apoie sua leitura, por exemplo, na identificação de um primeiro Guimarães Rosa, regionalista *stricto sensu*, sucedido mais tarde por um autor absolutamente consciente da autonomia do texto literário. Será verdade? Essa consciência já não estaria completa para o autor de *Sagarana*? Feita a

ressalva, percebe-se que o ponto sobre o qual não há divergência é justamente o reconhecimento da maestria de Rosa no uso da linguagem. Além desse consenso, as leituras tendem a tomar rumos distintos. Melhor assim.

A ênfase atribuída por alguns aos aspectos filosóficos e míticos da obra rosiana, por outros ao sentido realista, mimético, continua a abrir grandes trilhas, verdadeiras divisões de águas na crítica literária. Apontando a excessiva importância que vem sendo atribuída às entrevistas do autor, em especial às suas declarações de que era um homem apolítico, uma das colaboradoras indaga até que ponto a crítica tem sido capaz de abrir veredas, até que ponto tende a acanhar-se (“Recepção dos contos rosianos: veredas ou redemoinhos”, de Sheila Grecco). Privilegiar a leitura imanente, ampliada somente por depoimentos do próprio autor, resultaria, sob esse viés, embrenhar-se em redemoinhos, abandonando o trabalho de revelar os vínculos entre a obra de Rosa e seu momento histórico. Essa opinião é compartilhada por aqueles que, no Seminário, reagiram à crescente tendência de privilegiar enfoques do simbólico voltados à religiosidade e ao esoterismo, seja do autor, seja dos personagens.

A diversidade dessas *Veredas de Rosa* repercutiu a pluralidade verificada nos textos dos conferencistas. As entradas teóricas vão da literatura comparada à leitura psicanalítica, do historicismo à técnica narrativa, da geografia à tradução, do estabelecimento de texto aos estudos culturais. Somam-se aos estudos mais estritamente acadêmicos aqueles que privilegiam a criação poética, de que são exemplos algumas colagens realizadas a partir de textos de Rosa. Tem-se, também, notícias da recepção da obra no exterior, seja pelo relato minucioso de alguma experiência de leitura realizada em universidade estrangeira ou por estudo abrangente da recepção (texto de Charles Perrone sobre a recepção em universidades dos Estados Unidos). Outro pesquisador ocupou-se em investigar as referências a Guimarães Rosa no espaço virtual (“O sertão de Guimarães Rosa e o *cyberspace*”, de Carlos Alberto Gohn).

O resultado é um vitral em que desenhos pequenos também recebem luz intensa. Há oportunidade para que se volte a atenção a textos usualmente pouco analisados, como os poemas de *Magma*, os primeiros contos e mesmo as narrativas usualmente encobertas pelo interesse por textos célebres. É o caso do conto “Minha gente”, de *Sagarana*, e das narrativas de *Ave, palavra*. Do resultado de longa pesquisa aos escritos competentes de alunos de graduação – *Veredas de Rosa* encerra com dois textos premiados em concurso de monografias – essa obra mapeia com propriedade o estado atual da recepção da obra do criador do *Grande sertão*.

Raquel Illescas Bueno
Universidade Federal do Paraná